

## EDITORIAL

*Erinaldo Vicente Cavalcanti*<sup>1</sup> *Geovanni Gomes Cabral*<sup>2</sup> *Karla Leandro Rascke*<sup>3</sup> *Marcus Vinicius Reis*<sup>4</sup> 

A palavra, já dizia Amadou Hampaté Bâ (2010), intelectual escritor malinês, tem poder, existindo forte conexão entre a fala e quem a profere. Nesse sentido, as palavras não podem ser jogadas ao vento, dado serem testemunho que identifica quem as profere. Como diria o escritor alagoano Graciliano Ramos (1962), “a palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer”. Assim, cada palavra reproduzida nas narrativas constituintes dos trabalhos constantes nessa revista, carrega consigo responsabilidades, um determinado compromisso com os efeitos de verdade, não únicos e imutáveis, mas uma construção verossímil, verificável, inteligível e plausível, comprovável a partir de metodologias que a História possibilita.

O cenário político atual, delicado e instável, requer compromissos com as relações sociais e políticas produtoras dos efeitos de verdade e também demanda que os intelectuais assumam responsabilidades na construção de narrativas na contramão do conhecimento euro-ocidental, percebendo restos/resíduos que constituem sinais das existências dos sujeitos colonizados (FANON, 2005). No entanto, não podem ser narrativas apressadas, movidas pela crítica às ciências do velho continente – necessária sem dúvida –, forjadas no calor dos sentimentos e na ânsia simples e pura de se contrapor. Não podem ser narrativas que concorram para a construção de discursos aligeirados, de relatos apressados sem o devido rigor necessário.

A realidade cotidiana impacta a vida de milhões e milhões de brasileiros: 13 milhões de desempregados, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), trabalho informal que atinge 41,3% da população, cortes na educação durante esse ano de 2019 (nada de contingenciamento) e possibilidade real de mais cortes para 2020, que implicarão em queda de 54% dos recursos destinados à educação básica (mais

---

<sup>1</sup> Docente da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). Doutor em História pela UFPE. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIST). Editor da Revista Escritas do Tempo.

<sup>2</sup> Docente da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). Doutor em História pela UFPE. Diretor da Faculdade de História (FAHIST). Editor da Revista Escritas do Tempo.

<sup>3</sup> Docente da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). Doutora em História Social pela PUC-SP. Vice-Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIST). Editora da Revista Escritas do Tempo.

<sup>4</sup> Docente da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). Doutor em História pela UFMG. Editor da Revista Escritas do Tempo.

da metade do valor estimado); a concessão de bolsas de apoio à educação básica terá corte de 43%; o orçamento do Ministério da Educação (MEC) para 2020 terá um corte de 17%; as obras de infraestrutura para educação terão também corte de 30%; corte também de 30% na receita destinada à implantação e adequação de estruturas esportivas escolares (Portal G1, 30 de set. 2019).

Além disso, os cortes atingem o orçamento das universidades federais, das bolsas de pesquisa da CAPES e do CNPq, órgãos que financiam pesquisas das mais diferentes áreas do conhecimento. Esses são alguns dados recentes que têm circulado nas diferentes mídias. A educação tem sofrido constantemente com as posturas adotadas pelo atual governo. Mas, apesar do momento que nos choca, indigna e afeta também no cotidiano da sala de aula, como diz a escritora nigeriana Chimamanda Adichie em “O perigo da história única” (2014), apesar dos governos nós continuamos existindo e vivendo nossas vidas. Ainda, continuamos resistindo, sonhando, experimentando, projetando e realizando.

Assim sendo, ancorados em arsenal instrumental de nossa área do conhecimento, acreditamos que a História é capaz de produzir interpretações sobre o passado, seja ele mais longínquo ou recente, de modo a contribuir com análises sobre o presente das diferentes sociedades humanas ao longo do tempo. Reforçamos que o embate da História é no e pelo presente. Interessa-nos compreender como a sociedade age, pensa, atua e se comporta no presente. Oportunamente, esse novo número da *Revista Escritas do Tempo* evidencia diferentes narrativas históricas sobre experiências e vivências de homens e mulheres em diversos momentos e por meio de distintas maneiras de interpretarem e viverem o tempo.

Nesse sentido, apresentamos ao público leitor os 4 (quatro) artigos que compõem esse número, além de 1 (uma) resenha e 2 (duas) entrevistas. Em “O acervo documental de Clóvis Steiger de Assis Moura (1925-2003)”, Talita dos Santos Molina pretendeu, como o próprio título de seu trabalho indica, analisar os conjuntos documentais pertencentes ao arquivo pessoal do militante e intelectual negro Clóvis Moura (1925-2003). Ao articular a História e a Arquivologia como campos de conhecimento, a autora buscou valorizar o patrimônio documental, destacando o baixo número de reflexões referentes a esse universo, articulando-o como a trajetória de Clóvis Moura, incluindo aí a sua produção bibliográfica.

Interessados em compreender como as identidades de gênero foram construídas e difundidas na China a partir da produção de cartazes durante o período referente ao I

Plano Quinquenal (1953-1957), Edelson Costa Parnov e Tatiana Silva Poggi de Figueiredo contribuíram com a *Escritas do Tempo* por meio do artigo “As relações de gênero no início do socialismo chinês: reflexões a partir dos cartazes de propaganda do I Plano Quinquenal (1953-1957). Ao partirem de categorias como “camponesas-modelo”, “operárias-modelo”, “cuidadoras”, ambos os autores notaram as tentativas da propaganda chinesa em construir novos modelos de feminilidade para as mulheres, ao mesmo tempo em que mantiveram uma série de padrões voltados à manutenção da família – cuja figura das mulheres permaneceu como aspecto naturalizado –, e à hegemonia na sociedade chinesa.

Ao se debruçar sobre a documentação produzida pela imprensa pernambucana durante a República Velha, mais precisamente nas fontes reunidas pelo Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE) e pela Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), o historiador Mário Ribeiro dos Santos apresenta o artigo “Um passado rural num presente urbano: a representação das festas juninas na imprensa pernambucana”. Destacou, assim, a diversidade de representações que as festas juninas adquiriram ao longo desse período e, a partir da imprensa, em especial por conta da multiplicidade de temas abordados nos jornais, refletiu sobre o próprio cotidiano da população e sobre a formação social do período.

Em a “Ditadura civil-militar, memória e trauma: o testemunho de Joel Rufino dos Santos”, artigo apresentado por Ana Júlia Pacheco, os temas de pesquisa transitam entre história do Brasil, história da África e da Diáspora. Ao partir das narrativas testemunhais de Joel Rufino dos Santos, historiador e escritor, a autora analisou como foram construídas as suas forças de expressão durante a ditadura civil-militar, mais especificamente no período em que o mesmo foi preso e torturado, no início da década de 1970.

A *Escritas do Tempo* também possui a contribuição da resenha de Janaína Helfenstein, intitulada “Trajetórias, estratégias e pautas culturais nos estudos de Família na Espanha moderna”. Suas reflexões foram construídas a partir da obra de Juan Francisco Henarejos López e Antonio Irigoyen López, intitulada “Escenarios de familia: trayctorias, estrategias y pautas culturales, siglos XVI-XX”, publicada em 2017.

Na seção de entrevistas, o historiador Rodrigo Patto Sá Motta (UFMG) foi entrevistado pelo também historiador Erinaldo Cavalcanti, em “A História em perspectiva: percursos e reflexões”. Assim, foi destacada a sua trajetória acadêmica como importante pesquisador da História Política, além das suas reflexões sobre os

DOI: 10.47694/issn.2674-7758.v1.i2.2019.0104

discursos anticomunistas difundidos pelos grupos de direita no Brasil. Por fim, o pesquisador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES/UC), Bruno Sena Martins, foi entrevistado por Marcos Antonio Batista da Silva, doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Sua trajetória acadêmica foi igualmente abordada na entrevista “Debates pós-coloniais e cidadania global”, bem como as suas análises sobre as discussões pós-coloniais nos contextos lusitano e brasileiro.

### Referências

HAMPATE BA, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (org.). *História Geral da África*. Vol. 1. Brasília: MEC/UNESCO, 2010, p. 167-210. Disponível em: [http://www.unesco.org/new/pt/brasil/pt/about-this-office/single-view/news/general\\_history\\_of\\_africa\\_collection\\_in\\_portuguese\\_pdf\\_only/](http://www.unesco.org/new/pt/brasil/pt/about-this-office/single-view/news/general_history_of_africa_collection_in_portuguese_pdf_only/). Acesso em: 07 out. 2019.

ADICHIE, Chimamanda. *O perigo da história única*. YOUTUBE. Disponível em: [www.youtube.com](http://www.youtube.com). Acesso em: 22 out. 2019.

FANON, Franz. *Os Condenados da Terra*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.

RAMOS, Graciliano. *Linhas tortas*. São Paulo: Martins, 1962.